As não-coincidências interlocutivas de pessoas com transtorno de esquizofrenia em um Centro de Atenção Psicossocial

Marcella Marjory Massolini Laureano Prottis[1]
Henrique Campagnollo D´ávila Fernandes[2]

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar o funcionamento discursivo de pessoas com transtorno de esquizofrenia que freqüentam um Centro de Atenção Psicossocial. Utilizou-se como fundamentação teórica a heterogeneidade discursiva de Authier-Revuz e conceitos da psicanálise freudo-lacaniana. Na parte metodológica, constituiu-se o corpus com doze observações de atividades de grupos, através dos discursos de oito pessoas. Na análise dos dados, foram eleitas as propriedades decorrentes de sequências de discursos que explicitaram a referência discursiva. Os resultados indicaram que os sujeitos pesquisados conseguem metaenunciar utilizando-se da modalização autonímica, ponto de partida para o estabelecimento de contatos e laços com o social.
Palavras-chave: Esquizofrenia. Heterogeneidade discursiva. Ppsicanálise freudo-lacaniana. Centro de Atenção Psicossocial.

Abstract: This study aimed to analyze the discursive functioning of people with schizophrenia disorder that frequent a Psychosocial Care Center. For this, we used as theoretical studies the discursive heterogeneity of Authier-Revuz and concepts of Freudian-Lacanian psychoanalysis. In the methodological part the corpus was constituted of twelve observations of group activities, through the speeches of eight people. In the data analysis, properties arising from sequences of speeches that explained the discursive reference were elected.

---

[1] Doutora em Ciências, área de concentração: Psicologia pela FFCLRP-USP, com um ano de estágio na Université Paris 3 - Sorbonne-Nouvelle (Paris/França).

[2] Psicólogo formado pelo Centro Universitário de Brasília (2013), em clínica Fenomenológico-Existencial. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, com pesquisa no campo da saúde mental, em um Centro de Atenção Psicossocial.

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada. https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR.

The results indicated that the subjects studied can metaenunciate, the starting point for establishing contacts and ties with the social environment.
Keywords: Schizophrenia. Discursive heterogeneity. Freudian-Lacanian psychoanalysis. Psychosocial Care center.

Résumé: Ette étude a eu le but d'analyser le fonctionnement discursif des personnes avec schizophrénie qui sont etés assistés à un centre de soins psychosociaux. Pour cet étude, a été utilisé comme le fondement théorique le concept de 'hétérogénéité discursive de Authier-Revuz et les concepts de la psychanalyse freudienne et lacanienne. La session théorique qui a constitué le corpus de la recherche inclus douze observations d'activités d'un groupe de huit pacients. Dans l'analyse des données, ont été élus les propriétés résultant de séquences de discours expliquant la référence discursive. Les résultats indiquent que les sujets étudiés peuvent methaenuncier avec l'aide de la modalisation autonimique, point de départ pour l'établissement, pour ces sujets, de contacts et de liens avec le social.
Mots-clés: Schizophrénie. Hétérogénéité discursive. Psychanalyse freudienn et lacanienne. Centre de attention psychosociaux.

Introdução

Este artigo é o resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, que teve como intuito verificar se pessoas com diagnóstico de esquizofrenia em tratamento em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) conseguem metaenunciar[3] e realizar a modalização autonímica[4] (Authier-Revuz 1998). Ou seja, se dentro dessa proposta de tratamento elas seriam capazes de organizar o discurso, e, com isso, reuniriam condições de se comunicar de forma mais efetiva com as pessoas que convivem no meio social (como família, trabalho e amigos). Para isso, buscou-se uma associação entre conceitos da psicanálise freudo-

[3] A metaenunciação acontece quando o sujeito reflete sobre seu próprio dizer, comentando sobre ele, para tornar-se melhor compreendido pelo seu interlocutor, e apoia-se nas formas de modalização autonímica (AUTHIER-REVUZ, 1998).

[4] Segundo Authier-Revuz (1998), a modalização autonímica se faz presente quando verifica-se no discurso do sujeito outros falantes, e ocorre a partir de quatro polos de heterogeneidade: não-coincidência interlocutiva, não-coincidência do discurso com o próprio sujeito, não-coincidência entre as palavras e as coisas e a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

lacaniana e a teoria de Authier-Revuz, por considerar a linguagem como manifestação do Inconsciente, e desenvolver o tratamento a partir da fala.

A esquizofrenia, segundo o DSM-5 (American Psychiatric Association 2014), constitui um espectro, juntamente com outros transtornos psicóticos, e é diagnosticada quando a pessoa apresenta alterações significativas em pelo menos um dos seguintes domínios: "delírios, alucinações, pensamento (discurso) desorganizado, comportamento motor grosseiramente desorganizado ou anormal (incluindo catatonia) e sintomas negativos" (p. 87). Costuma-se inferir que o pensamento está desorganizado através de elementos discursivos como a 'salada de palavras' (p. 88) e a incoerência, além da tangencialidade e/ou a relação oblíqua nas respostas a perguntas.

A motivação para a escrita deste artigo se deu através de uma inquietação acerca do contraste existente entre algumas pesquisas na área da Linguística - que apontaram que o discurso do esquizofrênico é incoerente (CHAROLLES, 1988), e que não tem elementos que possibilitem a metaenunciação e a modalização autonímica (BORBA, 2004) -, e o trabalho desenvolvido com esquizofrênicos no CAPS, que refuta essas pesquisas. Brito (2005) apresentou evidências que contrariam a afirmação sobre a incoerência na fala do esquizofrênico. No entanto, nenhuma pesquisa até o momento procurou levantar reflexões sobre esse tipo de discurso em um contexto substitutivo ao manicômio – como propusemos por meio deste estudo.

Para alcançarmos essa proposta, tivemos como local de coleta de dados um CAPS II pertencente à Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, destinado ao cuidado de pessoas em situação de sofrimento psíquico grave. Esta unidade de saúde recebe os

frequentadores ao longo do dia em horários preestabelecidos e adequados às suas necessidades de tratamento, retornando para seus locais de moradia ao final das atividades. Além disso, o local possui um quadro de profissionais organizado de forma multidisciplinar, com psicólogos, psiquiatras, técnicos de enfermagem, enfermeiros, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais.

O CAPS desenvolve suas atividades alinhado com a política de reforma psiquiátrica brasileira, que tem seus fundamentos na Lei 10.216/2001 (BRASIL, 2001). Esta lei estipula formas de tratamento mais dignas em relação ao sistema hospitalar de internação, e determina, dentre outras medidas: que o tratamento tem como objetivo permanente a reinserção do usuário ao seu meio social, com tratamento integral também com profissionais não-médicos, atividades ocupacionais e de repouso, para os casos em regime de internação; que não é permitida a internação em instituições com características asilares, desprovidas de recursos; e que haja obrigatoriamente a confecção de políticas exclusivas para alta e assistência para a reabilitação psicossocial para os casos de longo tempo de institucionalização (TENÓRIO, 2001).

Assim, este estudo teve como objetivo analisar o funcionamento discursivo de pessoas com transtorno de esquizofrenia no CAPS, sendo que procuramos orientar a análise dos dados de acordo com os seguintes objetivos específicos: identificar as formações ideológicas, e verificar a construção do sintoma em relação à heterogeneidade discursiva e a relação do sujeito com o Outro. Para que esses objetivos fossem atingidos, iniciamos o percurso com a teoria da Análise do Discurso, que nos dará uma noção sobre a fala permeada pela ideologia.

A análise do discurso

Segundo Orlandi (2001), a Análise do Discurso (AD), desenvolvida por Michel Pêcheux (GADET; HAK, 1990, p. 25), tem como foco a análise do sentido, e toma seu lugar "no espaço em que a Lingüística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais", em que a linguagem faz sentido justamente por inscrever-se na história. A AD engloba a articulação de três áreas do conhecimento científico:

> 1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processo de enunciação ao mesmo tempo; 3. a teoria do discurso, como determinação histórica dos processos semânticos. Convém explicitar, ainda, que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (PÊCHEUX & FUCHS, [1975] 1990, p. 163-164)

A AD visa compreender "como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos" (ORLANDI, 2001, p. 26). E esse processo se dá através da apresentação das formas pelas quais os gestos interpretativos que conectam sujeito e sentido foram organizados no texto. Assim, um determinado discurso será decodificado de forma diferente até por um mesmo analista, dependendo dos conceitos e das questões que o mobilizarem.

Essa decodificação está relacionada com a capacidade de apreensão dos vestígios pelo analista, das pistas que colocam o dizer em contato com o meio exterior, que Orlandi (2001, p. 30) chamou de "condições de produção". Ou seja, as condições de produção apresentam a relação entre os sujeitos e as situações. Segundo a autora, elas incluem três elementos: ideologia, contexto histórico-social e

memória. A memória por sua vez é dividida em outros dois conceitos: o interdiscurso e o intradiscurso.

O interdiscurso é relacionado com a dimensão histórica, compreendendo a memória antecedente ao dizer do sujeito (COURTINE, 1982). É, portanto, um agrupamento de ditos formulados, porém esquecidos, e que são determinantes para nosso dizer (ORLANDI, 2001). Já o intradiscurso é a maneira desse pré-construído tomar lugar no que o sujeito diz, é o local em que ocorre o esquecimento do interdiscurso (COURTINE, 1982). Segundo Laureano (2008), a materialidade discursiva é constituída essencialmente pela indissociabilidade desses dois elementos.

Sobre esses esquecimentos, Orlandi (2001) apontou dois, conforme Pêcheux (1975): o número 1 é o que vem do inconsciente, e é afetado pelas formações ideológicas[5] do sujeito – quando achamos que o que falamos têm origem em nós, mas na verdade preexistem a nós. O outro esquecimento (número 2) ocorre na enunciação, quando nosso discurso é dito de uma forma e não outra, e acabamos tendo a impressão de que existe uma relação intrínseca entre a linguagem, o mundo e o pensamento, ou seja, que o que falamos somente pode ser falado com determinadas palavras.

Além desses elementos, temos no discurso a paráfrase e polissemia em relação, permeando o discurso, como se fosse um jogo. A paráfrase é o dizer que se mantém no discurso, a memória: "representa o retorno aos mesmos espaços do dizer" (ORLANDI, 2001, p. 36). Já a

[5] Segundo Fiorin (1998), a formação ideológica corresponde ao aglomerado de ideias e representações que uma classe social tem do mundo, e que não existe separada da linguagem. E ao processo de aquisição da linguagem, está vinculada a ideologia. Junto à noção de formação ideológica, portanto, temos a noção de formação discursiva, que são "regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações" (ORLANDI, 2001, p. 43). Em outras palavras, os discursos são construídos com as formações ideológicas do sujeito, numa relação íntima entre linguagem e pensamento.

polissemia tem o sentido oposto: provocar mudanças nas construções de significados, jogando com o equívoco, com o engano não-proposital, em que a língua e a história - momento em que o sujeito produz sentidos - se cruzam.

É através deste jogo de faltas – ideologia e equívoco - que o sujeito constrói seus significados, significando a si mesmo. E mais ainda, que a incompletude se mostra como condicionante da língua, em que sujeitos e significações não são terminados, estando a todo instante em "um movimento constante do simbólico e da história" (ORLANDI, 2001, p. 37). Neste ponto há um encontro com a psicanálise, quando a dimensão simbólica comporta também a incompletude do sujeito, e a forma como este sujeito busca sempre lidar com ela.

Com relação ao dispositivo de análise, Orlandi (2001, p. 61) entende que o analista deve buscar trabalhar interpretando "(n)os limites", sem se excluir da dimensão simbólica, histórica e ideológica, mas num lugar que possa "contemplar" as condições em que ocorrem as produções de sentidos. Para isso, a primeira tarefa do analista é a construção e delineação do corpus – em que optará pelas propriedades do discurso que farão parte dele. Orlandi (2001) afirmou que a forma mais assertiva de constitui-lo é pela construção de recortes discursivos conforme os parâmetros da AD, frente aos objetivos analíticos, que possibilitem ao analista alcançar uma compreensão.

Desta forma, o objetivo da AD é alcançado num processo contínuo de teoria-corpus-análise, que ocorrerá durante toda a pesquisa. Após a análise do material que Orlandi (2001, p. 65) nomeou de "materialidade lingüística" (material coletado através do discurso do sujeito, ou texto produzido por ele), ocorre o processo de construção a partir da desconstrução. Ele se dá pelo esquecimento do domínio da

enunciação – em que o sujeito acha que o que disse só pode ter sido dito da maneira que falou. Assim, "construímos, a partir do material bruto, um objeto discursivo em que analisamos o que é dito nesse discurso e o que é dito em outros, em outras condições, afetados por diferentes memórias discursivas" (ORLANDI, 2011, p. 65).

Cabe destacar uma pontuação de Orlandi sobre as tipologias identificáveis nos discursos:

> Uma das mais comuns é a que reflete as distinções institucionais e suas normas. Temos então o discurso político, o jurídico, o religioso, o jornalístico, o pedagógico, o médico, o científico. Com suas variáveis: o terapêutico, o místico, o didático etc. Também as diferenças entre disciplinas podem estar na base de tipologias: o discurso histórico, sociológico, antropológico, o biológico, o da física etc. Há ainda diferenças relativas a estilos (barroco, renascentista etc), a gêneros (narrativa, descrição, dissertação), a subdivisões no interior dos já categorizados (em relação ao político: neo-liberal, marxista etc) e assim por diante. Não terminaríamos nunca de expor as ramificações de tipos e subtipos, variedades etc. (ORLANDI, 2001, p. 85).

Essa passagem nos remete a um dos objetivos deste estudo, de verificar no funcionamento discursivo das pessoas o outro CAPS - com suas atividades, particularidades e afetividades, presentes em suas histórias e ideologias -, e também as formações relacionadas com as internações no manicômio - Hospital São Vicente de Paulo-HSVP. Para que possamos entender de onde virá a análise dos corpora, apresentamos a teoria de Authier-Revuz.

A heterogeneidade discursiva

A teoria da Heterogeneidade Discursiva de Authier-Revuz foi escolhida para a análise do funcionamento discursivo do

esquizofrênico, em razão dela possibilitar que se constate a presença do discurso do outro no discurso do sujeito (BORBA, 2006), e para que se compreenda como ocorre o sistema de referências em seus dizeres. A autora nos apresentou uma teoria em que a AD e a psicanálise lacaniana se confluem, assim como afirmou Laureano (2008, p. 108): "onde o sujeito encontra-se com o Outro a partir de seu discurso". Além disso, Authier-Revuz teceu importantes considerações acerca da divisão do sujeito - que acredita ser um só -, descentrando-o, sendo constituído como resultado da linguagem, e somente dentro dela (LAUREANO; CHATELARD, 2009).

Authier-Revuz (1998) dividiu o estudo do dizer auto representativo em dois campos: o da metalinguagem e o da enunciação. No campo da metalinguagem, ela utilizou aportes de J. Rey-Debove relativos à autonímia (menção de um signo) e conotação autonímica (essa menção transformada em outra, em que o locutor faz o uso do signo inscrito no fio do discurso e o mostra de forma concomitante). Essas ideias serviram para que a autora pudesse estabelecer posteriormente a noção de modalização autonímica. Como exemplo de autonímia simples, Borba (2004, p. 1) colocou a citação direta de um discurso sem que o relator intervenha: "a delimitação desse outro é tão nítida que há uma ruptura na sintaxe (Z disse: x, na expressão de Z, x)".

Na conotação, o discurso do falante incorpora o discurso do outro - através de aspas, itálicos, entonação ou comentário -, procedimento que vai permitir que a sintaxe continue, pois o discurso é remetido para o externo somente a partir destes recursos, e recebe relativamente ao restante do discurso um "estatuto outro" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 13). Assim, o falante se desdobra em dois – o que fala e o que observa o que está sendo falado. A conotação autonímica mostra a relação com o

outro no discurso de forma explícita e marcada - que a autora chamou de heterogeneidade mostrada.

Já no campo da enunciação, Authier-Revuz (1998) seguiu uma linha heterogênea de autores que estudaram a língua e seus exteriores, abrindo mão da corrente pragmática – em que se considera que o sujeito enunciador tem condições de falar sobre sua enunciação, e os sentidos relacionados a ela. Para reforçar sua posição contra essa corrente, a autora se apoiou na Análise do Discurso de Pêcheux, e na psicanálise lacaniana, que considera o sujeito como efeito da linguagem, destituído da autoridade sobre o dizer – ele é "assujeitado ao inconsciente" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16). A categoria do imaginário de Lacan explica essa questão, segundo a autora: em virtude do "ego" ("moi") tentar a todo instante anular o "eu" ("je"), ocorre um desconhecimento estrutural do sujeito – o que nos remete ao esquecimento discursivo de Pêcheux. Assim, as abordagens pragmáticas são insuficientes para explicar o que escapa ao registro intencional, representacional e interacional do discurso.

Além disso, Authier-Revuz (1998) constatou, embasando-se numa coletânea que ultrapassa o número de quatro mil, dentre materiais orais e escritos que fazem parte dos mais variados assentamentos, que na metaenunciação há uma certa opacidade. Ou seja, o dizer não é transparente "ao enunciador, ao qual ele escapa, irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 17). Em outras palavras, o sujeito não domina seu dizer, e revela nele o seu desejo e a presença do Outro (LAUREANO, 2008).

Com essas balizas teóricas, Authier-Revuz (1998) passou a explorar a noção da metaenunciação, que acontece quando o sujeito

reflete sobre seu próprio dizer, ou seja, comenta sobre esse dizer, para tornar-se melhor compreendido pelo seu interlocutor. Para isso ele adota estratégias, formas de representar esse auto-dizer, de realizar esse 'retorno' sobre o que se quer comunicar: a Modalização Autonímica. Authier-Revuz (1998, p. 19) verificou que há uma sobreposição do sujeito e da representação de seu dizer, realizando-se por meio de um "fio único do discurso" - e inscrevendo em sua forma linear o outro do discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004). Dentre essas formas de Modalização, Authier-Revuz (2004) citou a heterogeneidade mostrada e a constitutiva.

Diferentemente da heterogeneidade mostrada, que está no campo da descrição lingüística, a heterogeneidade constitutiva foi definida como um campo em que a presença do outro está "em toda parte sempre presente no discurso, não dependente de uma abordagem lingüística" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 21). As duas heterogeneidades poderiam nos fazer acreditar que operam da mesma forma, mas na verdade nos mostram dois arranjos de realidades distintas, que são, segundo Borba (2004, p. 2), "processos de constituição de um discurso e processos de representação da constituição de um discurso", sendo "intercambiáveis". Porém, a heterogeneidade mostrada percebe apenas uma pequena face da heterogeneidade constitutiva.

Além disso, a heterogeneidade mostrada se imbui de um funcionamento enganoso, pois tenta provocar dissolução na alteridade sentida pelo sujeito que fala para convertê-la em homogeinização que, segundo Authier-Revuz (1982), consideraria o sujeito como algo externo à linguagem, pois, quando fala, ele não lança mão das palavras para fazer uma tradução dos sentidos conscientemente. Esta tentativa da heterogeneidade mostrada faz parte de seu propósito, mas não se

concebe na constitutiva, visto que quando tenta resgatar o UM (interioridade) que se encontra ameaçado, vai mostrar que o sujeito que fala é limitado em acreditar na existência deste UM (BORBA, 2004).

Em virtude da heterogeneidade constitutiva não se apoiar numa descrição lingüística, Authier-Revuz (2004, p. 22) apoiou-se em dois campos não-linguísticos: o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise freudo-lacaniana. Para Authier-Revuz (2004), o círculo bakhtiniano trabalhou dentro de uma perspectiva dialógica, em que o outro possui um lugar dentro de uma rede de oposições, não representando duplicidade, e tampouco possuindo uma diferença que exclui o um, mas sim que o atravessa em sua constituição. Citando Todorov (1981), a autora afirma que o outro é o fenômeno que funda a subjetividade, as ciências humanas em geral, e a crítica literária, dentre outros.

Assim, tudo o que nos constitui e nos influencia durante todo o percurso de vida vem do outro. Bakhtin ([1963] 1970) reforça essa noção, com a ideia de que qualquer palavra faz referência a um ou vários contextos em que o sujeito teve sua existência subjugada pela sociedade[6] (AUTHIER-REVUZ, 2004). Porém, por Bahktin considerar somente a dimensão sócio-histórica, e adotar a heterogeneidade no discurso, "por outro lado não vai contemplar os papéis que desempenham o inconsciente e nem a língua (como sistema de diferenças e lugar do equívoco) nessa heterogeneidade" (LAUREANO, 2008, p. 115). Sendo assim, Authier-Revuz buscou na psicanálise uma

[6] Ideia pertinente a este trabalho em razão de que por trás das palavras dos sujeitos de pesquisa há uma série de sentidos implicados em seus contextos de vida. E isso ocorre com muita frequência no discurso delirante, quando as palavras e seus encadeamentos, por mais estranhos que possam parecer aos ouvidos do interlocutor, possuem muitos significados para o sujeito enunciador.

possibilidade de conceder à linguística uma forma de contemplação externa à sua área de influência em objetos comuns ao sujeito que fala, à fala e à linguagem (BORBA, 2006).

A psicanálise forneceu uma contribuição fundamental com a ideia de sujeito clivado (em consciente e inconsciente) sendo, portanto, autor de um discurso marcado pela heterogeneidade (BORBA, 2006). Authier-Revuz (2004) deixa isso claro quando enumera uma série de manifestações relacionadas ao inconsciente, como ato falho, sonho, dores no corpo, perda de voz, dentre muitos outros. O inconsciente é uma parte que o sujeito não consegue acessar para poder esclarecer como seu falar consciente se relaciona com essa outra instância. Cabe ao psicanalista, então, trazer à tona as situações esquecidas, através e nas palavras, para esclarecer ao sujeito a relação que estabelece com as situações vividas no seu dia-a-dia, de forma que possa alcançar os significantes que mantém o desejo inconsciente conservado e aprisionado.

O processo analítico, portanto, fará ao sujeito que apareça o "que é dito, sem que ele saiba, de seu desejo, em sua fala" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 54) – o que nos permite chegar à ideia de "talking cure" (a cura pela fala), técnica desenvolvida por Freud em 1893 (MOURÃO, 2011). Dentro dessa ideia, Lacan (2008) pensou o inconsciente como linguagem: a fala do sujeito durante a análise atropela ele mesmo, não vem de um Ego ou Superego, tampouco de fantasias e defesas, mas de regras provenientes de "leis da linguagem" (MOURÃO, 2011, p. 59). Ou seja, a linguagem é o lugar em que a interpretação analítica se dá, onde se chega a um sentido oculto por meio de uma palavra manifesta, o que evidencia a atividade do

inconsciente por meio da materialidade linguística (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Authier-Revuz (2004) buscou também uma asserção lacaniana de que o inconsciente condiciona a linguagem, por meio da expressão "penso onde não sou, logo sou onde não penso" (LACAN, 1998, p. 521). Isso vai fazer com que se ateste ao sujeito a incompletude (a falta estruturante) na tentativa de "fazer-UM com a língua" (LAUREANO, 2008, p. 116), e que alguma coisa vai escapar ao discurso dele. Laureano (2008, p. 116) pontuou ainda que "em última instância tenta responder à incessante demanda do Outro que questiona a todo momento o desejo de sujeito". Assim, qualquer discurso vai se mostrar em sua constituição permeado por discursos outro, e pelos discursos do Outro (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69), sendo que ele se apresenta como condição essencial para um sujeito falar - e não numa posição objetal do qual se fala.

Essas noções fundamentaram os quatro campos de não-coincidência ou heterogeneidade, em que "o dizer se representa como localmente 'confrontado' com pontos em que, assim 'alterado, ele se desdobra" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20):

a) Não-coincidência interlocutiva:

Esta heterogeneidade ocorre quando as glosas indicam que um termo não é compartilhado pelos dois sujeitos da enunciação (AUTHIER-REVUZ, 2004). Assim, ela é pautada numa "concepção pós-freudiana do sujeito" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 22), que não coincide consigo própria em virtude do inconsciente ser essencial e não se reduzir entre dois enunciadores 'não-simetrizáveis', fazendo com que o

sujeito busque estabelecer com um outro a produção do “UM”. As figuras que acabam tomando lugar no discurso vão se inscrever de duas formas: tentando restaurar o “UM” da linguagem, e tentando tomar o “NÃO-UM”. O “UM” tenta-se restaurar onde parece sofrer ameaça, ou seja, o sujeito se utiliza de expressões como:

- tentando incluir o outro no dizer: “reflitamos que...”;
- apelar à boa disposição do outro: “fulano, me permita uma colocação...”;
- suspender seu dizer à vontade do outro: “ciclano, se você quiser...”

Já o “NÃO-UM” é marcado quando o enunciador faz questão de afirmar que as palavras ditas por ele não são do outro sujeito (como em “fulano, eu bem compreendo que você tem horror dessa expressão...”), ou o contrário, que o que ele diz é do outro sujeito, e não dele (como em “assim como você gosta de falar...”).

b) Não coincidência do discurso consigo mesmo:

É uma heterogeneidade constitutiva por referir-se ao dialogismo do círculo de Bakhtin, que considera que toda palavra é permeada pelo outro do discurso; assim, as glosas vão assinalar a presença de expressões que pertencem a um discurso outro, traçando no dizer limites fronteiriços (interior/exterior, o sujeito e o outro), como: “supimpa, como diz fulano”; “como era dito antigamente...”; “grandeza, no sentido falado pela história...”. Além do dialogismo bakhtiniano, essa heterogeneidade remete-nos ao interdiscurso da Análise do Discurso de Pêcheux - algo que está sendo falado agora tem ligação com algo que foi falado em outro lugar e outra época.

c) Não-coincidência entre as palavras e as coisas:

Esta heterogeneidade também apresenta uma dupla perspectiva: de um lado há uma oposição e uma continuação no que está sendo nomeado durante o dizer e, de outro, o real[7] a ser nomeado e que falta ao sujeito - fazendo com que não saiba exatamente o que falar, levando-o a produzir efeitos que não correspondem, ou seja, que provocam na linguagem uma certa perda. Assim, há um distanciamento/espaço da palavra e a coisa, um certo modo de rejeição, ou a produção de um sentido integrado, sendo que ao longo do caminho o sujeito enuncia metáforas, neologismos, eufemismos, hipérboles, oposições gramaticais, modalidades de enunciação, polaridades afirmativas/negativas, auxiliares e valores modais, advérbios, etc. Segundo Laureano (2008), há nesse espaço a relação entre a finitude da língua e a infinitude do real a se nomear e, ainda, a heterogeneidade do real à ordem simbólica - pois é impossível capturar o "objeto pela letra" (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23) -, e que vai constituir a falta-a-ser do sujeito (como Lacan havia postulado), apresentando-se por meio de três formas:

- representações do "UM" na nomeação, a partir da coincidência do enunciador com o que diz, em que coloca intenção, desejo, normas sociais em jogo: "aposto em falar corrupção o que é preciso chamar política"; ou da coincidência entre a coisa com sua palavra: "política é a palavra certa, que mais se aplica", "política no sentido estrito"; "política propriamente dita";

- figuras que representam uma certa contradição entre o falar e o não falar: "o que poderia se chamar de falso", "eu não digo falso, mas

[7] Mourão (2011, p. 119) definiu-o como o irrepresentável da linguagem, o "impossível de se dizer (dimensão do não dito) e de se representar (dimensão do não ser), seja por imagens, seja por palavras".

quase...", "diria falso?"; ou quando se nomeia entre uma palavra e outra: "chuva, ou deveria dizer garoa?", "quente, ou antes calor, "corrupção, não política", "brisa ou vento";

- figuras decorrentes de uma ausência no ato de nomear, que pode ser tanto na forma de dizer (suspendendo-se, como em "se é que se pode falar em religião...", ou anulando-se, como em "não diria que aquilo era uma bola"), como quando uma imperfeição é apresentada (emprega-se uma palavra em razão de não ter a mais apropriada, só para não deixar de falar, como em "vergonha, por assim dizer"), ou também na distância existente entre coisa e palavra (como em "corrupção, é um eufemismo", "calor, entre aspas").

d) Não-coincidência das palavras consigo mesmas:

Esta heterogeneidade se faz presente através de glosas que vão designar uma maneira de rejeitar um sentido contra outro, ou integrá-los, por meio de polissemias, homonímias, trocadilhos; é também o campo da lalangue de Lacan, do equívoco do dizer do sujeito, em que unidades singulares tomarão lugar. Como Laureano (2008, p. 119) afirmou, é um espaço onde "as glosas reflexivas remetem à polissemia, homonímia e jogo de palavras". As figuras nessa heterogeneidade apresentam-se por meio de quatro formas:

- ao se fixar o "UM" do sentido: bola, no sentido de churrasco;
- figuras do discurso modificado quando depara-se com o "NÃO-UM", como uma desculpa, reserva, modalidade do dizer que não se realiza, unidas por um algo a mais: "eu errei dizendo buraco"; "gorduchinha se eu arrisco em dizer";

- o sentido prolongado para o "NÃO-UM": "gorda, também no sentido de redonda", "afundar, em ambos os sentidos", "rica em todos os sentidos da palavra";
- o dito reinterado pelo "NÃO-UM", com frequência imprevista do sentido: "expulsão, é o caso dizer"; "supimpa é a palavra!"; "crescer, para dizê-lo em uma palavra preciosamente ambígua".

Essas quatro não-coincidências serviram de matéria-prima para a análise dos corpora esquizofrênicos escolhidos, cujos procedimentos serão apresentados a seguir.

Procedimento para a análise dos dados

Para a análise dos corpora das discussões de grupo dos sujeitos de pesquisa, procedemos de acordo com o método utilizado por Authier-Revuz (1998, p. 166-167), adotado também por Borba (2004), conforme se segue:

1º) descrição e "análise linguística" das maneiras pelas quais o sujeito realizou sua enunciação, por meio das quatro formas de heterogeneidades (não-coincidências), mantendo os contextos e o entendimento da enunciação quando do recorte do enunciado, fazendo recortes extensos para que se reconstruísse a cena em que a enunciação ocorreu;

2º) interrogar o processo anterior, num prisma do sujeito enunciador quanto às heterogeneidades;

3º) realizar uma descrição do movimento da linguagem ou do discurso do sujeito, para refletir-se sobre a finalidade da forma

enunciativa que emergiu e a maneira singular pela qual foi produzida; ou seja, o foco foi verificar por qual motivo as formas de não-coincidências apareceram.

Assim, procuramos encontrar relação entre a linguagem/discurso e a influência do CAPS. Utilizamos para tal, discursos de oito voluntários, ao longo de doze atividades de grupos, que tinham como propostas: interpretação de estórias lidas por um contador – sendo este um estagiário ou profissional do CAPS -, e tarefas diversas desenvolvidas num Grupo Terapêutico, como desenhos, interpretação de emoções faciais, discussões sobre família, amigos, ocupações da vida diária, trabalho, dentre outros temas. A seguir, apresentamos recortes de falas dessas atividades, e suas análises.

Apresentação e análise dos dados

Os dados serão apresentados e analisados conforme os dois objetivos específicos deste estudo: 1 – identificação das formações ideológicas, e 2 - verificação da construção do sintoma em relação à heterogeneidade discursiva e a relação do sujeito com o Outro.

1. Para que as formações ideológicas fossem identificadas, procuramos analisar o discurso de cada participante desta pesquisa, com sua história de vida. Quanto às instituições de tratamento, as formações discursivas referiram-se não só ao CAPS (elemento positivo na vida do participante), como também ao Hospital São Vicente de Paulo - HSVP (com seus elementos adoecedores e violentos, dentre outros).

Na maior parte deles a formação ideológica HSVP é tido como ruim, e fez com que produzissem enunciações sobre as experiências de

internação, em que: as pessoas tomam medicação e ficam muito tempo; desejo de não voltar para lá; agressão e maus-tratos sofridos; evocação de sentimentos de medo e tristeza; e como um local não indicado para tratamento. O Outro CAPS aparece como boa referência e positivo na vida deles - entendem como local bom, e um deles disse inclusive que iria levar as coisas para morar lá, enquanto que outro teve enunciações em que se percebeu a possibilidade de reinserção social através da atividade de futebol, que gera muitas emoções e "não vale dinheiro".

A Igreja apresentou-se como uma formação ideológica muito forte, que segundo um dos participantes foi responsável pela sua obsessão, e consequente exclusão e criação do estigma social. Essa formação fez com que produzisse enunciados para falar de sua ansiedade, mencionando as palavras "traição", "prostituição", "falsidade ideológica", e "culpa", além de "erros" como ideia religiosa para o transtorno mental (de que a pessoa está pagando pelos pecados/erros).

Outra formação ideológica presente no discurso de outra participante da pesquisa foi a família, com os referentes "exclusão", "preconceito", "ruim", "infantilização pela filha", quando fala do egoísmo de membro da família, e quando diz que a família não ensinou-a a arrumar o quarto.

O discurso científico apareceu como formação ideológica por parte de um deles, quando faz referência ao próprio nome do blog, que é relacionado a isso; no interesse pela doença de Chagas; quando fala que entrou na caverna com cientistas espeleólogos; quando faz uma pergunta de interesse relacionado à psicologia; quando explica procedimentos médicos; e na explicação que dá a outra usuária sobre

seus sintomas. Percebeu-se ainda a música como referência positiva em sua vida.

2. Os dados foram apresentados e analisados de acordo com cada forma de não-coincidência interlocutiva, conforme está disposto a seguir. Procurou-se substituir os nomes dos participantes e profissionais por letras, a fim de resguardar o sigilo, sendo que a letra "P" foi utilizada para os profissionais e estagiários.

2.1 figuras representativas da não-coincidência interlocutiva

> - Recorte 1
>
> Em seguida W falou: *"você sabe que não gosto do gato lá de casa, que ele pega borboleta, pega e come."* Disse que o grilo queria ser como a borboleta.
>
> - Recorte 2
>
> L: Posso fazer uma pergunta?
>
> P: Pode, claro
>
> L: *Você como psicólogo deve saber qual é a diferença entre sentimento e estado de espírito?*

Os recortes marcam a forma da não-coincidência interlocutiva porque o sujeito convida o outro a participar do discurso, para que possa se fazer entender. Ou seja, o outro semelhante é visto como ponto de interlocução para dar referência ao discurso que o sujeito produz, onde há a tentativa de estabelecimento do "UM".

No caso do recorte 1, "W" fez sua enunciação logo após o dizer de outro participante, de que ela era encantada. A partir desse referente "borboleta encantada", veio a fala de não gostar do gato, que pega e come borboletas. Esse dizer foi dirigido à psicóloga, sendo que "W"

utiliza a expressão "você sabe", de forma a prevenir o risco do sentido não ser transmitido, em razão de ter encontrado uma alteridade que poderia não compreender o que "W" queria ter falado.

Já no recorte 2, no momento da atividade anterior à fala dos participantes do grupo, em que havia sido dado um tempo para que refletissem sobre a proposta – falar sobre um sentimento escrito no papel, e escolhido por eles por meio de sorteio -, "L" faz uma pergunta ao psicólogo utilizando como referente a questão do sentimento. Reconhece claramente a alteridade desse outro pela expressão "como psicólogo", colocando-o em cena de forma explícita; diante disso, se utiliza de uma forma de injunção, combinando um elemento pessoal (você) a um elemento modal (verbo "dever" no imperativo afirmativo, com o verbo "saber" no infinitivo).

2.2 figuras representativas da não-coincidência do discurso consigo mesmo

> - Recorte 3
> M: Esse aqui tá alegre, ele tá feliz, alegre
> P: E o que representa?
> M: Representa meu passado, quando não tinha problema de saúde, porque nós nascemos sadios...e *cada caso é um caso, tem gente que diz assim "tudo que é bom dura pouco" e no meu caso durou pouco*...assim que nem a J, tive um monte de crise no passado, não quis dar ouvidos pra ninguém, fiquei neurótico, fico com o cérebro acelerado, pensamento acelerado, aí começo a querer não sair, ficar trancado a semana toda em casa, aí penso em ficar na Igreja, mas na hora que vou todo arrumadinho na porta da Igreja me dá

> ansiedade aí volto pra casa, e isso me deixa triste...no meu passado fui muito feliz.
>
> - Recorte 4
> E aí Q começou a falar que a estória lembrou a neta dela Fulana, que é egoísta.
> Q: Ela fez aniversário, aí o 1º pedaço de bolo vai pra quem, *ela disse "pra vovó"*...fica brincando com os brinquedo, mas ela é muito egoísta...

Esses recortes marcam a forma da não-coincidência do discurso com o próprio sujeito, pelas palavras serem permeadas pelo outro do discurso, e deixando claro no dizer os limites entre o eu e o outro. Esses exteriores discursivos permitem ainda que o sujeito tenha consistência em seu dizer. Nos recortes destacados a seguir, veremos muito clara a ideia de Bakhtin ([1963] 1970), de que as expressões do outro remetem a um contexto no qual os usuários tiveram sua existência subjugada pela sociedade.

No recorte 3, "M" utiliza como referente a expressão de uma mulher – "alegria", falando a respeito dessa expressão – já que a proposta da atividade havia sido falar sobre expressões faciais. Lembrou de sua situação de "adoecimento", em que acabou perdendo a alegria em virtude de não estar mais sadio, sendo que utilizou expressões vindas de um outro, como "cada caso é um caso" e "tudo que é bom dura pouco". Logo em seguida faz referência às crises do passado, a alguns sintomas e à Igreja que, como falado anteriormente em outro recorte (local em que foi estigmatizado e expulso), lhe causa ao mesmo tempo motivação – por tirá-lo momentaneamente da situação de

inércia, fazendo-lhe arrumar-se e sair de casa -, e ansiedade - justamente pelo que já foi falado a respeito dela.

No recorte 4, percebe-se a fala do outro para dar consistência ao discurso de "Q", que utiliza como referência no seu discurso a estória contada para os participantes do grupo no início da atividade - que era sobre um menino que tinha uma bola de futebol e era muito egoísta; a estória faz "Q" enunciar uma fala de sua neta que também é muito egoísta.

2.3 figuras representativas da não-coincidência entre as palavras e as coisas

> - Recorte 5
>
> S: Penso até em esquecer; gosto nem de lembrar. *Desenhei um asfalto, assim, como um tapete, um asfalto como ele é, com setas amarelas.* No passado, minha tia morreu e faleceu...era uma pessoa muito querida...minha tia e minha irmã morreu, vários parente meu morreu...a tia morreu tem 2 anos, problema de coração, tinha um marca-passo; problema de coração, que o barbeiro picou...como chama?...é Chagas, doença de Chagas!
>
> - Recorte 6
>
> T: Fico com ansiedade porque penso que tenho que sair trabalhar sozinho para ganhar dinheiro, fazer natação, estudar, fazer alguma coisa
>
> P: E você não pode fazer essas coisas não?
>
> T: Não...posso fazer porque as perna tão doendo
>
> P: Mas isso pode ser por falta de exercício mesmo, não?
>
> T: *Tá doendo por causa dos erros né*

Os recortes destacados marcam a forma da não-coincidência entre as palavras e as coisas, em que o discurso vai apresentar uma dupla perspectiva, ou seja, oposição e continuação no que está sendo nomeado no discurso, e um real a ser nomeado e que falta ao sujeito - revelando a finitude da língua e a infinitude do real a se nomear (LAUREANO, 2008). Assim o sujeito não sabe o que falar exatamente, provocando perda na linguagem, e distanciando a palavra da coisa, por meio de metáforas, neologismos, eufemismos, hipérboles, oposições gramaticais, modalidades de enunciação, polaridades afirmativas/negativas, auxiliares e valores modais, advérbios, etc.

No recorte 5, a cena enunciativa se deu em virtude da proposta, que era de desenhar "a estrada da vida", quando "S" se utiliza do referente asfalto para retomar a sequência discursiva. Ou seja, "S" constrói uma metáfora para definir asfalto, utilizando-se do significante tapete. Depois reafirma sua construção, dizendo que desenhou o asfalto "como ele é". Assim, percebe-se a finitude da língua quando tenta definir o asfalto, e a infinitude do que representa essa estrada.

Por fim, o recorte 6 apresenta uma cena enunciativa decorrente da proposta de falar sobre o problema que mais estaria incomodando os participantes do grupo. "T" acaba utilizando-se de metáforas pela impossibilidade de nomear o real, que no seu caso é o significante "adoecimento". Podemos pensar na hipótese do significante "erros" poder ter sido enunciado por uma culpabilidade atribuída pela Igreja, cujas práticas e "filosofia" incidem de forma excludente sobre a pessoa com sofrimento psíquico grave, conforme enunciado também por "T" em outras ocasiões.

2.4 figuras representativas da não-coincidência das palavras consigo mesmas

> - Recorte 7
>
> K pegou a deixa de X para comentar que com ela ocorre o mesmo. "Lavo minhas roupa no tanquinho, e ponho pra estender no varal. Aí é só chegar uma sobrinha minha, que eles fala pra eu tirar as roupa e dar lugar pra ela estender. Minha família é muito ruim comigo...só tenho amigos no CAPS."
>
> A partir da fala de K, V disse: *é, estou aqui no CAPS resgatando amizades*
>
> - Recorte 8
>
> E aí P falou sobre o amor que temos que ter ao próximo, seguido de um comentário de Y:
>
> Y: *Amor ao próximo, amor à mulher, é traições*
>
> E P perguntou a ele porque achava isso, discordando. Y então explicou-se:
>
> Y: Quando não tem amor é traição, homens que sai com outras mulher, mulher que sai com outros homens...
>
> D: Amor quando é verdadeiro constitui uma base firme no casamento. Até costumo dizer que quando não há amor de verdade é porque Deus não tá presente ali...acho até adultério...
>
> Y: Adultério e *prostituição*

Esses recortes marcam a forma da não-coincidência das palavras consigo mesmas, em virtude do encontro dos enunciadores com o equívoco, em que o sujeito busca integrar o sentido.

No recorte 7, "V" busca dar consistência ao significante "resgatando", sendo que este é um termo utilizado no meio militar e

civil que indica a recuperação ou salvamento de um refém ou prisioneiro. Cabe ressaltar que à época deste dizer o participante tinha recém-ingressado no CAPS, e que não conhecia as pessoas para que pudesse resgatá-las. Assim, ocorre um encontro do sujeito com o equívoco da linguagem, em que "V" acaba derivando, pois poderia utilizar uma outra palavra, como "refazer" - que teria um sentido de buscar aprender a fazer novas amizades.

No recorte 8, "Y" procura integrar o sentido a partir do significante "amor" (em que deriva buscando integrar o sentido através de polissemia). Esse significante foi retirado em um sorteio de palavras relacionadas a sentimentos, que eram foco da atividade do grupo. A referência foi o comentário do psicólogo sobre amor ao próximo, que o profissional fez após um dos participantes relatar sentir um amor muito forte pela família. "Y" associou as palavras "próximo" e "mulher", tentando falar que se amar a mulher e o próximo, comete traição – só se deve amar a mulher. Nas falas seguintes tenta restabelecer o sentido, explicando-se. Até que chega um outro significante, "adultério", logo em seguida, vindo de outro participante, "D", e que tem a tentativa de "Y" novamente buscar a integração do sentido, trocando a palavra por prostituição, apresentando um sentido para ele que é similar ao do adultério (polissemia para o sujeito).

Considerações finais

Os resultados apontam para um ganho qualitativo na linguagem, e se devem ao fato de que as atividades dos grupos promovem a dialogicidade, com a troca de experiências, e os discursos sendo construídos através de outros discursos, condição que é entendida por

Authier-Revuz como essencial para a constituição dos sentidos. E não só a dialogicidade, mas a postura dos profissionais que lá trabalham – de escuta atenta, disponibilidade e correspondência ao discurso do participante - acaba proporcionando a vinculação necessária ao tratamento, e despertando o interesse para conviver com o outro.

Vê-se nos resultados referentes às formações ideológicas que o Outro "Hospital Psiquiátrico" esteve muito presente nas formações discursivas, como referência negativa para o tratamento - em virtude dos significantes que lhe foram atribuídos, que evocaram memórias de maus-tratos e isolamento sofridas não só pelos participantes da pesquisa, mas por outros que deram seus relatos durante as atividades dos grupos.

Por meio dos resultados alcançados, confirmamos a hipótese de pesquisa, de que os sujeitos esquizofrênicos em tratamento no CAPS que participaram desta pesquisa metaenunciam e se utilizam da modalização autonímica, ou seja, possuem uma organização do discurso a um nível em que conseguem "se fazer entender", fato que se constitui como ponto de partida para o (r)estabelecimento de laços sociais.

Com a confirmação da hipótese deste estudo, refutamos pesquisas que afirmaram que o esquizofrênico possui um discurso incoerente, não consegue metaenunciar e utilizar-se da modalização autonímica. É importante salientar que, no campo da saúde mental, não é possível traçar generalizações, estabelecer universais. Isso porque o ser humano que se encontra em situação de sofrimento, está em tratamento (de qualquer ordem), e em contato com o meio social, não apresenta rigidez em sua condição existencial, e sim mobilidade. Isso

quer dizer que sua condição de liberdade - em relação à linguagem, ao diagnóstico (que passa a ser outro), e ao seu devir -, muda, como se vê no cotidiano do CAPS. Portanto, uma pesquisa que não leva em consideração o contexto sócio-histórico, e a existência do ser humano em relação com o outro, contribui para o aumento do estigma social, e desestimula a sociedade e o Estado a buscarem formas alternativas de intervenção que visem a melhoria da qualidade de vida da população.

Por fim, a lei de saúde mental do nosso país – 10.216/2001 (BRASIL, 2001) – contribui para a criação, o funcionamento e a ampliação de dispositivos de cuidado (como o CAPS) que promovem o desenvolvimento da linguagem e um tratamento digno para pessoas com sofrimento psíquico grave. Faz-se necessário um maior número de estudos nessa temática, e em especial na área da Linguística – por nos mostrar formas concretas de compreensão do discurso, como a AD e a Heterogeneidade Discursiva -, para que possamos contribuir cada vez mais com a luta por um sistema de Saúde Mental mais justo para nossa sociedade.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM*-5. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montreé et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l´autre dans le discours. DRLAV – Revue de linguistique, Paris, (26):91-151, 1982.

_____. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Cadernos de estudos lingüísticos, Campinas, (19):25-42, 1990.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Problèmes de la poétique de Dostoievski,* Moscou, 1963. Trad. Fr.: Lausanne, L´Age d´homme, 1970.

BORBA, Patrícia Laubino. *Entre a coincidência e a não-coincidência: um estudo sobre as falas de esquizofrênicos no campo da enunciação*. Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. Florianópolis: UFSC, 2004.

_____. *O funcionamento da referência na perspectiva da análise do discurso: um estudo sobre o discurso do esquizofrênico*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Lei Nº 10.216, de 6 de abril de 2001*. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União, seção 1, p. 2.

BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Reflexões sobre a (in)coerência na fala do esquizofrênico*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: ORLANDI, E. *O texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1988.

COURTINE, Jean-Jacques. *Définition d órientations theóriques et construction de procedures en analyse du discours*. Revue Philosophiques, Paris, IX(2):239-264, 1982.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed, São Paulo: Ática, 1998.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *O seminário – livro 3: as psicoses* (1955-1956). 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAUREANO, Marcella Marjory Massolini. *A interpretação (revelar e esconder sentidos): articulações entre a análise do discurso e psicanálise lacaniana*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

_____; CHATELARD, Daniela Scheinkman. *Sobre o sujeito não-UM: a heterogeneidade discursiva e a presença da lalíngua*. Revista Stylus, Rio de Janeiro, (19):1-176, 2009.

MOURÃO, Arlete. *Uma aventura no território da falta*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1975.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

TENÓRIO, Fernando. *A psicanálise e a clínica psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtin; Le príncipe dialogique, suivi d´Ecrits du cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981.

Recebido em 10/04/2015. Aprovado em 05/10/2016.*

* Este artigo foi enviado pelos autores para a chamada do número temático de julho/2015, porém, como não se adequava à proposta temática da edição de número 28, foi reencaminhado, mediante consentimento dos autores, para avaliação e possível inserção nesta edição, de número 29.